



Oficina 9: MULTIPLICANDO CÍRCULOS DE CULTURA DE PAZ

Objetivos

1. Compreender a necessidade de espaços comunitários no processo de constituição de uma cultura de paz.
2. Aprofundar o conhecimento dos círculos de cultura de paz como instrumento de educação para a paz.

Desenvolvimento da oficina

Primeiro momento: integração

1. *O guia.* Um guia que não pode falar leva todo um grupo que não pode ver por uma pista cheia de obstáculos. Em outra sala que não a do encontro, prepara-se uma pista de obstáculos com cadeiras, mesas e bancos, com lugares para passar por baixo, com curvas: uma pista desafiadora, mas contudo sem obstáculos que possam ferir ou machucar. Formam-se grupos de cerca de sete pessoas, cada grupo escolhendo um líder. Levam-se os líderes para ver a pista de obstáculos. O guia pode combinar com o grupo sinais de comunicação. Todos colocam vendas nos olhos, com exceção do guia. A tarefa do guia – que não pode falar – é levar todo o grupo junto por um caminho cheio de obstáculos evitando que se machuquem. Passada a pista de obstáculos, pode-se partilhar os sentimentos, as vivências e os meios de comunicação utilizados.

Segundo momento: sensibilização

2. Apresentação dos objetivos da oficina.

O facilitador deve deixar claro que está se começando um terceiro e último módulo de formação, com enfoque mais metodológico.

3. *Círculos rotatórios.* O grupo se divide em dois subgrupos, formando dois círculos, um dentro e outro fora, ficando os componentes do círculo frente a frente. O facilitador apresenta-se como portador de uma varinha mágica. Toca nas pessoas de fora que ficam com os pés presos ao chão. Toca nas pessoas do círculo de dentro que ficam mudas. Assim, as pessoas do círculo de fora ficarão imóveis, enquanto apenas as do círculo de dentro que se moverão para direita. As pessoas do círculo de dentro não falam, apenas escutam, enquanto as pessoas do círculo de fora respondem a pergunta: como eu aprendi a paz? o facilitador reserva cerca de dois minutos para cada rotação, ao final do tempo bate palmas, para que o círculo de dentro se desloque para a direita e novas duplas se formem. A pessoa do círculo de fora responde novamente à mesma pergunta. O facilitador repete o procedimento por cerca de cinco a seis vezes. Ao final deste, ele toca com a varinha mágica as pessoas do círculo de fora que ficam mudas e as pessoas do círculo de dentro recuperam a fala, partilhando o que escutaram.
4. Partilha dos sentimentos pessoais, descobertas e percepções acerca da temática, suscitadas pela dinâmica.

Terceiro momento: aprofundamento da temática

5. Introdução do facilitador.

A educação para a paz não é um processo apenas intelectual ou que se estrutura numa disciplina ou numa determinada atividade. Não basta falar de paz para constituir a educação para a paz. Daí a importância da metodologia, não apenas como um meio ou expressão, mas sua identidade mais verdadeira. Os autores que trabalham educação para a paz fazem a distinção entre ensinar para a paz e entre ensinar acerca da paz, postulando uma relação



estreita entre fins e métodos, conteúdo e forma. Trata-se de superar o episódico e o fragmentário que caracteriza, muitas vezes, iniciativas pedagógicas em torno da paz. Muitas vezes, nas escolas e em outros ambientes educativos, com o intuito de tematizar pedagogicamente a paz organiza-se um evento, mas não se pensa todo o ambiente educativo a partir do eixo da paz. A educação para a paz não é um processo apenas intelectual ou que se estrutura numa disciplina ou numa determinada atividade. Não basta falar de paz para constituir a educação para a paz porque o que ela tem a oferecer é exatamente a possibilidade de uma vivência e experiência de uma comunidade onde a paz articula-se como a referência fundamental.

6. Estudo do texto "Forjando espaços de cultura de paz" (Recurso de Apoio 1).
7. Comentários do grupo: destaques, descobertas, questionamentos.
8. Pontualizações do facilitador. É importante aprofundar os seguintes aspectos:
 - a diferença entre a ação dialógica e anti-dialógica;

- a estrutura comum que sustenta as diversas formas de espaços de cultura de paz.

Quarto momento: síntese

Por questões de organização de tempo, os trabalhos em pequenos grupos do quarto momento (síntese) e do quinto momento (reconstrução da prática), podem ser feitos juntos, bem como o plenário subsequente.

9. Trabalho em pequenos grupos com papelógrafo:
 - o que é um círculo de cultura de paz?
10. Plenário.
11. Pontualizações do facilitador.

Quinto momento: reconstrução da prática

Por questões de organização de tempo, os trabalhos em pequenos grupos do quarto momento (síntese) e do quinto momento (reconstrução da prática), podem ser feitos juntos, bem como o plenário subsequente.

12. Momento de encontro em pequenos grupos, para, a partir do referencial estudado propor ações para criar e animar um círculo de cultura de paz. Como se pode organizar e sustentar um círculo de cultura de paz?
13. Plenário.
14. Pontualizações do facilitador.

Sexto momento: avaliação

15. Por escrito: cada um escreve no seu diário, as idéias e sugestões trazidas por esta oficina e as perguntas a serem ainda perseguidas.
16. Socialização.

Sétimo momento: confraternização

17. Música "Give peace a chance", de John Lennon.

Material necessário

1. Cópias para cada participante dos Recursos de Apoio.
2. Papelógrafo.
3. Canetas hidrográficas.
4. Aparelho de som e música de fundo.
5. Sala com obstáculos.
6. Lenços para vendar os olhos dos participantes.



Bibliografia

ALDANA MENDOZA, Carlos. **Desafios pedagogicos de la paz**. Tegucigalpa: Editorial Universitaria, 1995.

BRANDÃO, Carlos. Propostas pedagógicas para culturas de vocação de paz: algumas idéias desde a América Latina. In: _____. *Em campo aberto*. São Paulo: Cortez, 1995, p. 37-58.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1974.

Recurso de Apoio 1: Texto *Forjando espaços de cultura de paz*

Oficina 09

Forjando espaços de cultura de paz

Se a simples menção da palavra paz é suficiente para obter um consenso imediato – todos somos favoráveis à paz –, é certo também que quando se trata de pensar caminhos para sua operacionalização esta facilidade se desfaz. Todos queremos a paz, embora nem todos tenhamos clareza quanto a seus caminhos e estradas. Daí a importância do debate metodológico e de aprofundar instrumentais que possibilitem a efetivação de culturas de paz.

A cultura de paz e a não-violência, na situação contemporânea, apresentam-se como o único âmbito a partir do qual pode emergir um caminho de superação da violência. Postular medidas contra a violência é, ainda, permanecer sob sua regulação. Por essa razão, não basta reagir à violência ou à cultura de violência, mas é preciso pensar como construir uma sociedade verdadeiramente pacifista e uma cultura de paz. Nesta busca de alternativas, podemos encontrar alguns modelos significativos, como os círculos da cultura de paz, os territórios da paz e os fóruns da paz.

Da pedagogia de Paulo Freire (1921-1977) tomou-se a noção dos círculos de cultura, recriando-os como círculos de cultura da paz. Os círculos de cultura foram desenvolvidos, inicialmente, por este educador brasileiro, no final da década de 50, no Movimento de Cultura Popular do Recife e no Movimento de Educação de Base, que promoviam, através da constituição de um grupo de relações, o processo educativo, como apropriação cultural. O círculo de cultura tem como tarefa essencial o diálogo, reunindo um coordenador e algumas dezenas de pessoas do povo no trabalho comum da conquista da linguagem, a partir da discussão de uma palavra geradora. As concepções teóricas do círculo de cultura foram sendo construídas no decorrer da obra de Paulo Freire e encontram sua referência básica na concepção de dialogicidade, entendida como um elemento de extrema importância no processo educativo - e não apenas ornamental -, uma vez que responde à exigência radical das pessoas que não podem ser fora da comunicação, uma vez que são comunicação. Sem o diálogo com os oprimidos não é possível uma práxis autêntica, de forma que sua ausência ou presença configura os processos educativos, determinando-os ou como concepção bancária ou como concepção dialógica de educação, extensão ou comunicação, ação antidialógica ou ação dialógica.

Para quatro características da ação antidialógica - conquista, divisão, manipulação e invasão cultural -, Freire aponta outras quatro características da ação dialógica: a colaboração, a união, a organização e a síntese cultural. Ao inverso da conquista - definida como um sujeito que



conquistando o outro, o transforma em quase coisa -, a colaboração proporciona que os sujeitos se encontrem para a transformação do mundo através de um intercâmbio mútuo. A colaboração derruba a concepção de alguém que liberta ou que desvela o mundo; em lugar disto, os sujeitos se encontram para o desvelamento e a pronúncia do mundo, para a sua transformação. Contraposta à divisão para a dominação, a união apresenta-se como passo necessário para a libertação. A teoria dialógica obriga ao esforço incansável da união dos oprimidos entre si, colocando a necessidade de uma forma de ação cultural através da qual os sujeitos descubram-se mutuamente, através de uma modalidade da ação cultural, reconhecendo o porquê e o como de sua aderência. Contraposta à manipulação, que supõe a existência de objetos a serem instrumentalizados, a organização supõe sujeitos que buscam sua afirmação social e grupal. A síntese cultural, em oposição à invasão cultural, oportuniza que os sujeitos, colaborando mutuamente e organizados, realizem sua produção cultural, tanto em nível de investigação temática como em nível de ação. A cultura é entendida aqui como aquisição sistemática da experiência humana e a síntese cultural é exatamente este processo onde o sujeito se descobre como fazedor deste mundo de cultura.

Desta forma, toda ação cultural dialógica dirigida à paz entre pessoas e grupos tem como base o desvelamento das desigualdades, sua supressão e a multiplicação autônoma das diferenças. Os círculos de cultura podem contribuir num processo de educação para a paz, seja pelo acento participativo, dialógico e democrático, seja pela possibilidade de dar à educação para a paz um rosto visível e concreto. Os círculos de cultura fornecem para a educação para a paz esta inspiração de reunir pessoas - a idéia do círculo - em torno da preocupação pela paz, como ícone da tarefa que a humanidade necessita realizar. A educação para a paz, dessa forma, passa a ser significada como um espaço onde os sujeitos dizem a paz, debatendo suas visões e percepções, ao mesmo tempo em que organizam ações para sua efetivação. Os círculos de cultura da paz apresentam-se, assim, como uma possibilidade de conduzir a educação para a paz, dentro e fora do meio escolar. Nas escolas, reunindo estudantes e professores no protagonismo pela paz. Fora delas, articulando a comunidade como um todo, ou mesmo, segmentos específicos, como grupos organizados.

Já os territórios da paz foram inspirados nas “comunidades de paz”, desenvolvidas na Colômbia. Nascidas por estímulo das Igrejas cristãs, os territórios da paz têm como fundamento a necessidade das próprias comunidades atingidas pela violência em agir com os recursos de que dispõem. A intenção não é montar sistemas de segurança preventivos e punitivos e/ou fazer justiça pelas próprias mãos, mas construir espaços de verdadeira paz e respeito mútuo, entre as pessoas. Trata-se de construir iniciativas de paz desde a base, na convicção de que a paz não virá apenas por decreto entre os dirigentes, mas por um acordo e uma dinâmica que diga respeito a todos os envolvidos e afetados, que são justamente os mais idôneos para formular propostas adequadas. Em nível de ação, as comunidades urbanas e rurais criam seu território da paz definindo um território físico, em torno delas. Nesse espaço desenvolverão sua ação e farão um diagnóstico da violência que nele ocorre (tipos, modalidades, intensidade, causas). Feito o diagnóstico, as comunidades refletem sobre o que elas mesmas poderiam fazer para interromper os ciclos de violência que foram detectados.

Na linha das diversas mobilizações sociais que têm surgido ultimamente, em todo o mundo, como o Fórum Social Mundial, os Fóruns regionais, o Fórum Mundial de Educação, a Campanha da Fraternidade propõe o “Fórum Pela Paz”. Ele reúne pessoas e entidades que acreditam que a paz é possível e que é obra de cada um e de toda a sociedade. É constituído



por organizações da sociedade civil com o intuito de superar as diversas formas de violência que se manifestam na comunidade local, a fim de transformá-la num território de paz. É um fórum local e permanente, que atua num município, num bairro, numa paróquia, numa universidade, numa escola etc.. Sustenta o movimento cotidiano de solidariedade para a superação não violenta dos conflitos que se instalam na comunidade, como um espaço de intercâmbio, de aprofundamento de reflexões e propostas. Possibilita a multiplicação de iniciativas da sociedade civil organizada que visam à formação de uma nova cultura política baseada na cooperação e na co-responsabilidade.

Ao estabelecer-se a comunidade como referência no processo de educação para a paz – sejam círculos de cultura de paz, territórios de paz ou fórum pela paz – está-se explicitando o que se considera fundamental: a educação para a paz é um acontecimento coletivo, comunitário e intersubjetivo. Não há educação para a paz sem esta comunidade que se constitui como o horizonte próximo do próprio processo educativo e, ao mesmo tempo, como mediação do movimento pacifista e da cultura de paz. Constituindo-se como comunidades interpretativas estáveis, os círculos de cultura de paz permitem superar o episódico de algumas propostas de educação para a paz, instaurando-se como caminho metodológico no processo da educação para a paz.